

ARTEFILOSOFIA

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFOP

ISSN: 2526-7892

EDITORIAL

É com satisfação e espírito renovado que apresentamos ao público o 28º número da revista ArteFilosofia, dedicado ao dossiê “Estética Africana”, organizado por Rízzia Rocha e Luís Thiago Dantas, que assinam juntos um texto detalhado sobre o dossiê. Agradeço a ambos pela contribuição para a revista.

“Encontrado dois tostões de razão”, observo que o ano de 2020 vem se destacando por ser palco de bruscas reviravoltas: imprevistos climáticos, políticos e de ordem epidêmica alteraram o curso do “mundo da vida” no país e ao redor do mundo. No âmbito da tecnologia, o cenário atual de medidas restritivas e de uma pandemia em curso não parece incomodar ou alterar as melhores expectativas para o século XXI, a de receber uma *4ª Revolução Industrial* e responder ao projeto logrado pela ciência moderna. Porém, no âmbito mais amplo da cultura as expectativas não são unânimes; ou uma parte significativa do humanismo não parece ter sido cumprida, persistindo uma zona indiferenciada entre os séculos XX e XXI.

Diante de um humanismo lento ou fraturado, uma alternativa seria buscar verticalizar a pesquisa e aprofundar o saber sobre os problemas logrados pelo passado, ao mesmo tempo que, horizontalmente, cobrir com a mesma seriedade que foi reservada à tradição ocidental os assuntos de ordem local, os agentes, os povos, as línguas e as tradições que nos constituem. Essa parece ser uma importante chave para a filosofia contemporânea, capaz de abrir os nossos olhos para realidades presentes, persistentes e envolventes em nosso século.

O dossiê “Estética Africana” responde bem ao problema de se fazer uma filosofia contemporânea ao mesmo tempo que inaugura em nossa revista o primeiro dossiê exclusivamente dedicado ao assunto.

Deixo os meus agradecimentos à Rachel Cecília de Oliveira, que foi a editora original a receber a proposta dos organizadores e gerir todo o processo editorial até o resultado dos pareceristas, e a Fernanda Proença por proceder com todas as revisões e contato com os autores. A mim coube finalizar a edição assumindo daqui em diante a editoria.

Ricardo M. Nachmanowicz

Em um pequeno texto intitulado *Aesthetics in Tradicional Africa*, publicado pela primeira vez em 1968 na conhecida revista estadunidense *Artnews*, o professor e pesquisador de história da arte Robert Farris Thompson nos fala acerca dos parâmetros estéticos e do desenvolvimento crítico que integra a formação artística em África. Ele abre seu texto citando o artista e crítico inglês Roger Fry, que escreve por volta de 1920 acerca do respeito à intensidade e imaginação comuns à produção escultórica na África tropical. Entretanto, Fry logo completa que a falta de consciência, de senso crítico e poder intelectual de comparação e classificação são as causas do fracasso do negro em criar uma das grandes culturas do mundo. A admiração pela arte produzida em África surgiu sem que se suspeitasse que existiam expectativas aguçadas de qualidade formal às quais os artistas estavam submetidos. Thompson narra casos como o de um tecelão da etnia Tiv, no norte da Nigéria, que oferta à sogra suas melhores peças e vende suas piores peças aos estrangeiros, já que, provavelmente, eles nunca irão saber a diferença. Esse curto texto de Robert Farris Thompson data de 1968 e, ainda hoje, a estética africana raramente é tratada nos centros acadêmicos brasileiros como uma temática relevante para as pesquisas filosóficas no Brasil, país em que mais de metade da população possui ascendência africana.

Diante disso, o número 28 da revista *ArteFilosofia* assume a importante tarefa de incentivar o nosso olhar para a temática da estética africana, a partir deste dossiê. Um dossiê que convida à reflexão crítica sobre o próprio “fazer filosofia”, pois, em grande parte, os artigos são escritos por pesquisadoras e pesquisadores de diferentes áreas. Sugerimos ao leitor e à leitora atenção à estrutura formal de escrita dos textos. Ela explicita a sensibilidade das autoras e dos autores ao expressar os posicionamentos em diferentes temas a partir da interlocução com África. E, ao falar em África, não nos referimos somente ao espaço continental ou às utopias futuras, mas África também é referência à reverberações ancestrais, que atravessam a nossa atualidade e moldam as percepções acerca do ainda por vir. As próximas páginas são testemunhos das percepções compostas pela pluralidade epistêmica que é aberta pelo percurso histórico daquelas e daqueles que concretizaram este dossiê.

Com isso, a habitual leitora ou o habitual leitor de artigos de filosofia pode imaginar que houve uma subversão, enquanto afastamento, dos problemas canônicos da área. Isso não é totalmente errôneo, pois, mesmo involuntariamente, os temas privilegiados neste conjunto de artigos problematizam o caráter mimético que o ocidente privilegiou em sua tradição da filosofia da arte, na qual o real é objetado ou reproduzido a partir de um ideário. Uma problematização que dá voz ao âmbito africano, visto que nele a importância da produção de um artefato diz respeito àquilo que é enfatizado na obra. Por consequência, cada artigo aprofunda determinadas particularidades que, entrelaçadas, permitem que o corpo emergja como elemento essencial da produção epistêmica. Esse destaque leva a um afastamento da formação filosófica ocidental que compreende a filosofia centrada no discurso racional como via universal para o diálogo. Portanto, a leitura deste dossiê amplia a discussão

filosófica sobre a estética, justamente por observar África como um horizonte de referências epistêmicas, capaz de influir nas interações humanas perante o visível e o invisível.

Antes de concluirmos, gostaríamos, ainda, de deixar nosso agradecimento ao importante trabalho de todas e todos os pareceristas que avaliaram os artigos e elevaram a qualidade do dossiê.

Uma boa, e talvez incômoda, leitura!

Rizzia Rocha

Luís Thiago Dantas